

Propostas político-pedagógicas contra transfobia

Essa alta taxa de evasão escolar que faz com que, atualmente, 90% das pessoas trans e travestis só encontrem a prostituição como forma de sustento, já que sua baixa formação acadêmica as impedem de conseguir oportunidades no mercado de trabalho formal. Isso mostra que a escola precisa assumir seu papel fundamental no combate ao bullying e na promoção da inclusão, ajudando estudantes na compreensão da cidadania e respeito às diferenças.

A estrutura escolar está permeada de conflitos, contradições e confrontos, os quais a escola pode perpetuar ou desconstruir. A ideia é colocar em movimento um processo de transformação pessoal, cultural e social nas escolas, que possa se expandir por toda sociedade.

A falta de informação e formação de profissionais da educação referente à sexualidade e diversidade de gênero dificulta a passagem de pessoas trans pela escola. Justamente por isso se fazem necessárias propostas político-pedagógicas para minimizar a transfobia no ambiente escolar.

Sugerimos algumas ações que estão ao alcance de professores, gestores, equipe pedagógica, colaboradores e estudantes para criar de fato ações inclusivas dentro das escolas e transformá-las em um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Transformar a escola em um ambiente mais inclusivo é dever de todo mundo.



Gestão escolar:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

1

INFORME-SE

Ter conhecimento sobre as leis e políticas públicas para a comunidade LGBTI+ e Trans, em especial, é fundamental, passar essas informações ao corpo docente é mais importante ainda. É necessário criar uma cultura para a diversidade nas escolas e o preconceito só se desfaz com conhecimento e educação.

2

RESPEITE O NOME SOCIAL

Desde 2011, a Portaria no. 1.612 do Ministério da Educação assegura “o direito à escolha de tratamento nominal nos atos e procedimentos promovidos no âmbito do Ministério da Educação”. O nome social é o nome pelo qual muitas pessoas trans se identificam e devem ser identificadas, independente do nome nos seus documentos de registro. Use o nome social em certificados, formulários, chamadas, no tratamento cotidiano e em qualquer ocasião em que for necessário usar o nome de estudantes trans. Não se esqueça de tratar pessoas trans pelos pronomes que ela se identifica, sejam elas professores, estudantes, da equipe pedagógica, etc. Aprendemos muito pelo exemplo, por isso ao ter exemplos de práticas de respeito e inclusão entre membros do corpo docente, como ter professores trans com nome social respeitado por corpo discente e docente, que utilizam o banheiro conforme se identificam, etc. pode ajudar a criar um senso de pertencimento para estudantes trans, que podem estar sofrendo com a solidão do processo de aceitação e entendimento de sua identidade trans.

3

PARTICIPE E PROMOVA DISCUSSÕES

Se preconceito é falta de informação, e agressão é falta de respeito e entendimento, precisamos criar um espaço para o **DIÁLOGO**. Promover discussões no corpo escolar, com a participação de todas as pessoas (estudantes, professores, gestão, dentre outros) é fundamental. Algumas ações são:

- Participação de professores e gestores em cursos de formação sobre a comunidade LGBTI+ e a promoção da inclusão;
- Constituição de grupos de trabalho entre diferentes escolas sobre a inclusão e acolhimento da população trans;
- Projetos de contraturno para alunos e professores sobre a pauta;
- Formação com profissionais especializados no tema;
- Organização de encontros nacionais entre as escolas para promover intercâmbio de experiências de inclusão e combate ao bullying (podem ser feitos online);
- Criação e participação em redes de escolas engajadas no tema;
- Elaboração de concursos anuais de literatura, histórias em quadrinhos, e outras mídias sobre a temática;
- Estímulo ao protagonismo e formação de liderança jovem LGBTI+;

GESTORES: COMO VOCÊ PODE TORNAR O ESPAÇO ESCOLAR MAIS INCLUSIVO?

4

PENSE FORA DA CAIXA, OUSE MAIS!

Abolir a distinção de gênero dos uniformes escolares e dos banheiros, por exemplo, são ações bastante inovadoras que requerem um nível de maturidade institucional de toda a escola, mas que podem criar uma cultura não só de inclusão mas de confiança e responsabilidade de estudantes e do corpo escolar como um todo. Todas as pessoas têm condições de desenvolvermos a maturidade desde a infância, só precisamos ter liberdade e uma cultura de respeito para tal.

5

COMUNIQUE!

É muito importante que corpo docente, discente, pessoas contratadas e etc saibam o que se passa na escola e quais ações e medidas estão sendo tomadas, isso faz aumentar o engajamento e participação nas atividades, dividindo as responsabilidades pela criação dessa escola mais inclusiva entre todas as pessoas que compõem a escola. Então, comunique as ações. Por exemplo: produção de materiais de comunicação como cartazes informativos sobre diversidade, que celebrem e valorizem pessoas LGBTI+ ou que motivem todas as pessoas a se tornarem aliadas à pauta podem funcionar e ajudar a melhorar a auto-estima de estudantes e profissionais dessa comunidade.

6

CRIE UM CANAL DE DENÚNCIA E SUPORTE

É muito importante para estudantes terem um senso de segurança nas escolas. Para estudantes trans e LGBTI+ mais essencial ainda. Não denunciar ou não falar sobre preconceito nas escolas só faz criar a cultura do silêncio, o que acaba virando uma lógica da nossa sociedade. O Canal de Denúncia pode ser uma caixinha chaveada onde estudantes escrevam bilhetes anônimos dividindo suas dificuldades e medos, pode também ser um aplicativo, no caso de escolas que possuem ou querem incluir tecnologias em sua rotina escolar. Essas ocorrências devem ser encaminhadas ao corpo diretivo, profissionais de saúde mental, assistente social e equipe pedagógica, e caso necessário às próprias pessoas responsáveis, para que as denúncias sejam apuradas e as medidas cabíveis sejam tomadas, especialmente aquelas que visam garantir a proteção de estudantes LGBTI+.

7

REVENDO PRÁTICAS E ESPAÇOS

Há uma série de práticas exigidas nas escolas que não fazem parte de nenhuma regra ou legislação, isto é, são práticas baseadas em hábitos culturais que educadores internalizam e reproduzem ao longo do tempo. Tais práticas podem parecer inofensivas, mas são implicitamente excludentes. É necessário ter em mente que a educação é um direito e deve, portanto, atender as necessidades de todos estudantes. Rever práticas e espaços, portanto, é uma tarefa fundamental para a construção de uma escola mais inclusiva.

Equipe pedagógica:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

1

EDUCAÇÃO FORA DO ARMÁRIO

Tendo na escola um ambiente de convívio para o aprendizado cotidiano e acadêmico, além do local de construção da identidade, é importante assegurarmos uma interação isenta de religião, julgamento étnico-racial, bem como isenta de imposições de gênero ou orientação sexual. É fundamental pensarmos a abordagem pedagógica com base em três pilares: abordagem curricular, didática e inclusiva.

2

ABORDAGEM CURRICULAR

Trata-se de uma visão norteadas pelas discussões sobre gênero e sexualidade, estimuladas por professores, impactando diretamente nas disciplinas a serem ministradas, seja de forma multidisciplinar e transversal, seja no desenvolvimento de disciplinas específicas como Ensino Religioso, Língua Portuguesa ou Biologia, por exemplo. Passar uma visão mais ampla da existência e complexidade humana, não nos limitando a discussões biológicas sem embasamento científico ou crenças religiosas, ambas que desconsideram a sociologia, a antropologia e a própria história, mas também apresentando a construção do gênero e da diversidade humana sob uma perspectiva social e múltipla é essencial para desfazer mitos, estigmas e estereótipos propagados por um ensino que reforça a hetero-cisnormatividade como lugar de 'normalidade' e, portanto, coloca pessoas LGBTI+ sob uma visão de serem 'anormais', 'erros' ou 'aberrações'.

3

ABORDAGEM DIDÁTICA

Passar por atividades de ensino e aprendizagem que trabalhem gênero e sexualidade através de diversos recursos didáticos. Neste caso pode-se aplicar a análise de filmes, textos, oficinas de dança ou teatro. A experiência do gênero invertido pode ser incentivada dentro de uma abordagem cênica e lúdica, não de forma caricata que reproduz um lugar de ridicularização e deboche, mas de forma a entender a perspectiva da outra pessoa, o lugar talvez de medo, vergonha, de bullying que, ao ser experimentado por estudantes que promovem ações e práticas que geram esses sentimentos em colegas, possa despertar um senso de empatia, que é o primeiro passo para o convívio respeitoso e acolhedor, bem como para inclusão de estudantes trans no contexto escolar, criando espaços de diálogos, de troca de vivências e experiências e, principalmente, de escuta.

4

ABORDAGEM INCLUSIVA

A necessidade do reconhecimento da identidade trans, de estudantes que assim se identificam, pela comunidade escolar é de grande importância e certamente determinante na promoção da diversidade e inclusão de pessoas trans na escola. Seja via uso do nome social e pronomes conforme a pessoa se identifica, utilização dos banheiros, vestimentas e o respeito à pessoa antes, durante e depois da realização de eventuais transições corporais, incluindo qualquer um dos processos de afirmação de gênero existentes. Além de ações consistentes de combate à prática de bullying ou transfobia nos espaços escolares. Assim, e somente assim, poderemos re-afirmar a escola como um território além das fronteiras de gênero e/ou sexualidade, que garante segurança física e emocional da pessoa trans, que tem sua identidade de gênero respeitada nesse ambiente.

5

DECONSTRUÇÃO DAS CAIXAS

A desconstrução do homem hétero cis como figura universal, considerada como 'padrão', 'dominante' e 'superior' ao feminino é um passo essencial para garantir direitos, acessos, oportunidades e tratamento igualitário entre homens e mulheres. Além disso, também é uma etapa urgente no processo de desconstrução das caixinhas que dividem as expectativas sociais para homens e mulheres, isto é, que não apenas inferioriza o que é visto como feminino e limita as possibilidades das meninas, mas considera que toda mulher deve ser cis, hétero e feminina - a caixinha da mulher - e que todo homem deve ser cis, hétero e masculino - a caixinha do homem. Essas caixinhas são a fonte da discriminação e preconceito contra pessoas LGBTI+, por exemplo, tornando inaceitável e, por isso, vítima de tanto ódio e violência, a ideia da existência de uma mulher trans, como alguém que "ofendeu" a caixinha do homem, ao abraçar uma identidade feminina, vista dentro dessa lógica das caixinhas, como algo inferior.

Por isso, rompendo com esse modelo de duas caixinhas possíveis e estabelecendo a igualdade entre gêneros, criaremos uma cultura de respeito entre todos os mais diversos gêneros, orientações sexuais e expressões de gênero, uma vez que haverá igualdade de possibilidades e tratamento entre todas as pessoas. Esses conceitos podem ser trabalhados dentro de diversas abordagens, por exemplo, repensando brincadeiras só para meninos ou só para meninas, com o fim de uniformes separados por gênero e desfazendo a ideia de que 'menina gosta de rosa' e 'menino gosta de azul'.

Corpo docente:

Como você pode tornar o espaço escolar mais inclusivo?

1

EVITE ATIVIDADES SEPARADAS POR GÊNERO

É comum a oferta de atividades diferenciadas para meninos e meninas dentro do contexto escolar. Tais práticas acabam por excluir estudantes que não se enquadram em tais estereótipos, incluindo estudantes cisgêneros. Não compete a ninguém além da própria pessoa escolher seus interesses em esporte, brincadeiras, roupas, cores, etc. É papel de educadores permitir o acesso e o direito de escolha de cada alune do seu lugar de pertencimento.

2

USO DOS BANHEIROS POR PESSOAS TRANS

Há muitos casos de discriminação contra pessoas trans principalmente sobre uso do banheiro. A liberdade para que a pessoa trans use o banheiro com o qual se identifica é essencial para sua autoestima, seu senso de segurança emocional, sua afirmação pessoal e sua saúde (há maior registro de casos de infecção urinária em pessoas trans por causa da dificuldade do acesso ao banheiro em lugares públicos, como escola, trabalho, shopping, etc). Se os banheiros disponíveis são apenas masculino e feminino, mas a pessoa trans não se sente confortável ou segura de usar nenhuma dessas duas opções, o uso de banheiros alternativos é necessário (como banheiro de professores ou pessoas contratadas ou banheiro unissex, geralmente reservado para pessoas com deficiência).

3

USO DO NOME SOCIAL

A mudança do nome de pessoas trans é um direito garantido, isso significa o reconhecimento oficial da identidade de gênero adotada. Educadores têm, portanto, o dever e a responsabilidade de reconhecer a identidade de gênero de estudantes trans, usando o nome e pronomes adotados pela pessoa, independente do nome nos documentos de registro, além de reforçar com toda a turma que também utilize o nome social.

4

SEJA UMA PESSOA EDUCADORA-ANJO

Educadora-anjo é quem ampara e apoia estudantes trans (como também estudantes LGBTI+) dentro da escola, sendo uma referência para todo mundo. As pessoas trans, ao longo do seu processo de auto identificação e auto aceitação, possuem inúmeras demandas, por exemplo, há a necessidade de comunicação sobre as sensações iniciais desse momento. Diante disso, educadores-anjos podem acolher e escutar a pessoa estudante, preservando sua saúde mental e reforçando que está ali para apoiá-la.

4

CONTINUAÇÃO: SEJA UMA PESSOA EDUCADORA-ANJO

Após o momento de auto identificação, outras demandas surgirão, nas quais educadores-anjo podem se fazer presente:

- Apoiar no empoderamento da pessoa trans por meio de conversas e informações, para auxiliar na afirmação da identidade trans;
- A articulação com todo mundo da escola para garantir o respeito e apoio na identidade da pessoa;
- A criação de um diálogo de conexão, suporte e acolhimento entre estudante, escola e seus responsáveis;
- O incentivo à busca de informações especializadas sobre processos de afirmação de gênero em diversas esferas, como possibilidade de troca de nome, terapias hormonais e outras questões na área saúde, apoio emocional, etc. voltados para a população trans.

5

ABORDE DIVERSIDADE EM SALA DE AULA

Discriminação e violência por preconceito de gênero e orientação sexual é um problema social gravíssimo. A escola, enquanto espaço de construção do indivíduo, é o principal local onde estas questões devem ser abordadas e debatidas, garantindo acesso à informações e práticas de socialização que promovam um convívio social mais inclusivo e respeitoso.

Por esse motivo, é papel de educadores integrar ao conhecimento escolar obrigatório, temas transversais, ou seja, conteúdos e/ou discussões importantes para o desenvolvimento social de estudantes. Dentre esses temas, a valorização da diversidade pode ser abordada no interior de diversas disciplinas obrigatórias. Sem dúvida trata-se de um processo complexo, mas de extrema necessidade. Por isso, selecionamos algumas formas sucintas, mas precisas de abordar tais temáticas dentro da sala de aula:

- Formulação de dinâmicas de conscientização de estudantes sobre respeito e valorização da diversidade;
- Promoção de debates e/ou discussões sobre diversidade;
- Elaboração de um evento periódico de valorização da diversidade de gêneros e orientações afetivas, incluindo a celebração de todos os tipos de famílias;
- Inclusão de livros e filmes que tragam protagonismo LGBTI+ e sensibilizam estudantes na pauta, de modo transversal às disciplinas obrigatórias, veja algumas sugestões nas próximas páginas.



Tudo bem ser diferente, de Todd Parr

Esse livro trabalha com as diferenças de cada um de maneira divertida, simples e completa, alcançando o universo infantil e abordando assuntos que deixam os adultos de cabelos em pé, como adoção, separação de pais, deficiência física, preconceito racial, entre outros.



Livro da Família, de Todd Parr

Com frases curtas, diretas e envolventes, Todd Parr trabalha neste livro as diferenças das famílias, abordando assuntos polêmicos como adoção, diferenças raciais, culturais e sociais.



Meus dois pais, de Walcy Carrasco

Naldo não fica muito surpreso quando seus pais resolvem se separar. Afinal, os dois vivem brigando... E, quando sua mãe decide mudar de cidade, o menino acha natural ir morar com o pai. Naldo só não consegue entender porque sua mãe e sua avó são contra...



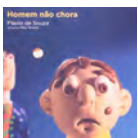
O menino que brincava de Ser, de Georgina da Costa Martins

Esse livro permite a discussão de temas delicados, como o preconceito e a intolerância, e retrata as consequências que a falta de diálogo pode causar à vida familiar.



O fado padrinho, o bruxo afilhado e outras coisinhas mais, de Anna Claudia Ramos;

Luar deseja se transformar em um fado padrinho afinal quem decidiu que só meninas podem se tornar fadas madrinhas?



Homem não chora, de Flávio de Souza e Riba Tavares;

Seus questionamentos a respeito do tema "homem não chora" são balizados pelas diversas possibilidades de pontuação que o narrador usa para a frase-título, criando fechos originais para cada episódio.



Menino brinca de boneca?, de Marcos Ribeiro;

Neste livro, Marcos Ribeiro coloca a questão do masculino-feminino de forma muito didática e acessível. Sobre tudo, ele estimula o jovem leitor a refletir, decidir-se, opinar.



Jamily a Holandesa Negra: a história de uma adoção homoafetiva, de Alyson Miguel Harrad Reis;

Ao entrar no maravilhoso mundo da leitura, Alyson decidiu aventurar-se em criar seu próprio livro, Jamily, a Holandesa Negra: a história de uma adoção homoafetiva, uma pérola, um presente para a conscientização acerca de uma nova cultura da adoção em favor das adoções necessárias.



A princesa e a costureira; e Joana Princesa, de Janaína Leslão;

Esta é história da princesa Cíntia, que se apaixonou pela costureira Ishtar. Quando Cíntia anunciou para os pais suas intenções com Ishtar e disse que não mais se casaria com o príncipe a quem estava destinada, seu pai mandou que a prendessem na torre do castelo.



Tomboy

A história segue uma criança de 10 anos em inconformidade de gênero chamada Laure que se muda para um novo bairro durante as férias de verão e experimenta sua expressão de gênero, adotando o nome Mickaël.



Transamérica

A história de uma mulher transexual chamada Bree que, uma semana antes de fazer a cirurgia de readequação sexual, descobre ter um filho de 17 anos que precisa de ajuda.



Laerte-se

Retrata a trajetória da cartunista e chargista brasileira Laerte, considerada uma das mais proeminentes do gênero no Brasil. Assumiu sua transexualidade aos 57 e, de lá pra cá, experimenta uma jornada única e pessoal sobre o que é ser uma mulher.



Meu nome é Ray

Ray nasceu mulher, mas nunca se identificou com o gênero e se prepara para fazer a cirurgia de transgenitalização. Sua mãe, Maggie tenta encontrar a melhor forma de lidar com a questão, mas a avó de Ray, Dolly, recusa-se a aceitar a resolução e cria um conflito familiar.



Meninos não choram

Saiba como Teena Brandon se tornou Brandon Teena e passou a reivindicar uma nova identidade, masculina, numa cidade rural de Falls City, Nebraska.



Má educação

Dois meninos, Ignacio e Enrique, conhecem o amor, o cinema e o medo num colégio religioso no início dos anos 60. O padre Manolo, diretor do colégio e seu professor de literatura, é testemunha e parte dos descobrimentos.



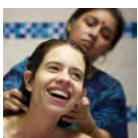
Tudo sobre minha mãe

Uma mãe solteira em Madri, Manuela, vê seu único filho morrer no seu 17º aniversário. Ela vai a Barcelona à procura do pai de seu filho, uma travesti chamada Lola, que não sabe que tem um filho.



Com Amor, Simon

Aos 17 anos, Simon Spier vive um momento complicado, tenta revelar para família e amigos que é gay, e ao mesmo tempo tenta descobrir a identidade de um misterioso colega de classe que conheceu online.



Margarita com Canudinho

Laila é uma jovem indiana que tem paralisia cerebral. Ao lado de sua mãe, ela deixa seu país para estudar na Universidade de NY. Sem fé no amor após ter sido rejeitada por um colega, ela conhece uma jovem ativista em Manhattan e embarca em uma jornada de descobertas.



Alice Júnior

Alice enfrenta preconceitos ao trocar de escola e se deparar com uma sociedade mais retrógrada do que estava acostumada. O desejo da menina é dar seu primeiro beijo, mas, antes de tudo, quer o direito de ser quem ela é.

Estudantes trans:

Como se empoderar e lutar por uma escola mais inclusiva?

1

IDENTIFIQUE UMA PESSOA ALIADA

Existem pessoas ao redor que podem te apoiar, a questão está em como identificar e confiar nessa pessoa. Uma tática é observar as opiniões e atos que essa pessoa tem em relação a outras pessoas LGBTI+, para saber se é uma pessoa aliada que apoia a pauta. Em algum momento você encontrará pessoas que têm uma experiência similar a sua e que podem te ajudar no seu processo de se entender, se aceitar e se empoderar.

2

SE PRESERVE

Algumas pessoas e lugares não vão entender ou aceitar uma pessoa trans, mesmo após tentativas de diálogo. Se for possível, se afaste desses locais e pessoas. Quando não for possível, tente se preservar de discussões e situações que te coloquem em risco. Não se arrisque, nem física e nem emocionalmente, para tentar construir diálogos com quem não quer dialogar.

3

CUIDE DA SUA SAÚDE

Se aceitar, se entender e se respeitar como uma pessoa trans demanda muito de si, algumas atividades podem ajudar a melhorar a sua qualidade de vida, seja para expressar seus sentimentos ou te dar foco, força emocional e motivação. Atividades como meditação, psicoterapia, trabalhos artísticos, escrever um diário e exercícios físicos podem ajudar bastante. Seja uma pessoa boa com você, se dê carinho. 40% das pessoas trans, infelizmente, já tentaram suicídio por causa da falta de aceitação própria e da sociedade. Saúde mental é um ponto extremamente importante e um eixo central para saúde da população trans. Não tenha receio de pedir ajuda de profissionais da psicologia ou da psiquiatria caso sinta a necessidade, saúde emocional, assim como se aceitar como pessoa trans, é determinante para sua felicidade e qualidade de vida.

4

BUSQUE ACOMPANHAMENTO MÉDICO PARA SUA TRANSIÇÃO

Muitas pessoas trans, pela ansiedade e dificuldade de se inserir no Sistema Único de Saúde, acabam por não fazer exames e consultas clínicas de rotina e nem fazer o acompanhamento médico para o tratamento hormonal. Isso pode acarretar em diversas complicações e problemas de saúde. Por isso, não deixe de buscar suporte médico, caso queira fazer terapia hormonal e nem deixe de fazer os exames médicos necessários para ter uma transição hormonal segura e saudável. O SUS já garante o direito ao nome social nos documentos e sistemas médicos e o sistema público de saúde tem profissionais capacitados para te atender. O acesso à saúde é seu direito. Saiba mais [aqui](#).